

**Participation and art: we do not want food alone**

**Participación y arte: no queremos sólo comida**

**Participação e arte: a gente não quer só comida**

**Claudia Zanatta**

Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS

**Cerise Gomes**

Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS

**Márcia Braga**

Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS

**Abstract:**

This article deals with a participatory art proposal called Cerâmica e Alimento developed at the EPA, RS school, involving the faculty and students, the research group Cidadania e Arte - UFRGS and Porto Alegre artists, in order to create a space for exchanges from a common make: the practice of ceramics. In 2017 pottery meetings were held with the participation of artists and school and academic communities. At the end of the process a lunch was organized at the school open to the community. Often society understands street people as a generic set of individuals deprived of material resources who live in marginality in a state of apathy and resignation, often related to delinquency situations. Ceramics and Food asks how much education and participatory art can promote exchange of knowledge generating other ways of living with this part of society.

**key words:**

Participatory art, community, street people, pottery

**Resumen:**

Este artículo aborda una propuesta de arte participativo denominada Cerámica y Alimento desarrollada junto a la escuela EPA, RS, involucrando al cuerpo docente y discente, el grupo de investigación Ciudadanía y Arte - UFRGS y artistas porto-alegenses con el objetivo de crear un espacio de intercambios a partir de un hacer común: la práctica de la cerámica. Se realizaron en 2017 encuentros para producción de potes con participación de artistas y comunidades escolar y académica. Al final del proceso se organizó una comida en la escuela abierta a la comunidad. A menudo la sociedad entiende a las personas en situación de calle como un conjunto genérico de individuos desposeídos de recursos materiales que viven en la marginalidad en un estado de apatía y de resignación,

muchas veces relacionados a situaciones de delincuencia. Cerámica y Alimento indaga cuánto educación y arte participativos pueden promover el intercambio de saberes generando otros modos de convivencia con esa parte de la sociedad.

**Palabras clave:**

Arte participativo, comunidad, gente en situación de calle, cerámica

**Resumo:**

Este artigo aborda uma proposta de arte participativa denominada Cerâmica e Alimento, desenvolvida junto à escola EPA, RS, envolvendo o corpo docente e discente, o grupo de pesquisa Cidadania e Arte - UFRGS e artistas porto-alegrenses, com o objetivo de criar um espaço de trocas a partir de um fazer comum: a prática da cerâmica. Foram realizados, em 2017, encontros para produção de tigelas com participação de artistas e comunidades escolar e acadêmica. Ao final do processo foi organizado um almoço, na escola, aberto à comunidade. Frequentemente a sociedade entende as pessoas em situação de rua como um conjunto genérico de indivíduos despossuídos de recursos materiais, que vivem na marginalidade em um estado de apatia e de resignação, muitas vezes relacionados a situações de delinquência. Cerâmica e Alimento indaga o quanto educação e arte participativa podem promover troca de saberes gerando outros modos de convívio com essa parcela da sociedade.

**Palavras-chave:**

Arte participativa, comunidade, pessoas em situação de rua, cerâmica

## **Introdução**

Este artigo busca compilar de forma reflexiva a poética viva e a práxis realizadas no grupo Cidadania e Arte, a partir de uma experiência de arte participativa desenvolvida no ano de 2017 junto a Escola Porto Alegre (EPA), a qual atende alunos em vulnerabilidade social, muitos deles em situação de rua. No presente texto trazemos as inquietudes advindas da prática artística quando relacionada a questões de cunho social. A pergunta central que nos acompanha se refere a como uma prática artística pode contribuir quando se vincula a contextos considerados marginais pela sociedade brasileira. E deste âmbito da marginalidade no sentido de algo que está “à margem”, consideramos que a educação faz parte, pois raras vezes de modo material efetivo esta área foi prioritária ou teve centralidade nas políticas públicas do país. Então, o que ocorre quando aproximamos arte, educação e vulnerabilidade social? Por entendermos que a resposta a essa indagação é sempre contextual, a experiência de arte participativa

desenvolvida pelo grupo Cidadania e Arte na escola EPA é uma oportunidade para refletirmos sobre o assunto.

Ao longo do segundo semestre de 2017 EPA e Cidadania e Arte desenvolveram um projeto denominado Cerâmica e alimento. Tal projeto constou em ações processuais envolvendo arte, educação e comunidade. A inspiração para as ações surgiu a partir de um evento promovido em 2015 em Porto Alegre no qual foi servido um almoço em tigelas de cerâmica feitas e doadas por artistas porto-alegrenses. Os recursos arrecadados no evento foram revertidos para uma ONG cujo trabalho está centrado na produção e distribuição de alimento para pessoas em situação de rua.

No início de 2017, através de conversas informais, percebemos que era um desejo comum a alguns dos participantes deste primeiro evento voltar a conectar-se a partir da organização de um novo projeto. Com o grupo mobilizado buscou-se uma aproximação maior ao contexto original que havia motivado o primeiro evento: as pessoas em situação de rua. O desejo de conexão se estabelece então entre o grupo Cidadania e Arte e a Escola Porto Alegre (EPA) cujos alunos são prioritariamente pessoas em vulnerabilidade social, muitas das quais residem nas ruas de Porto Alegre.

Para tratarmos da indagação principal deste artigo, faremos inicialmente um breve relato sobre o que é a Escola Porto Alegre e de que modo se estruturou o projeto Cerâmica e Alimento. Para ampliar o entendimento destes percursos serão utilizadas imagens referenciais destes dois âmbitos enfocados.

### **Um pouco da história da Escola Porto Alegre (EPA)**

Porto Alegre foi a primeira cidade do Brasil a implementar os Conselhos Tutelares e o Conselho Municipal dos Direitos das Crianças e Adolescentes. Dentro deste panorama, a partir da sociedade civil organizada foi criada em 1995 a Escola Municipal Porto Alegre (EPA) com objetivo “proporcionar o direito à educação às crianças e

adolescentes que vivem nas ruas do Centro de Porto Alegre, socialmente excluídos da escolarização formal.” Uma das tarefas centrais da escola é buscar desenvolver uma proposta de emancipação pessoal e social baseadas em processos educacionais.

Desde 1999 a EPA conta com um Núcleo do Trabalho Educativo, o qual por meio de práticas nas áreas de Papel Artesanal, Jardinagem, Cerâmica e Informática, desenvolvem projetos segundo as habilidades e interesses dos alunos, aproveitando vivências de fora da escola, engajando-o a fim de que o mesmo se sinta acolhido e cidadão na escola, participando de forma construtiva e solidária com os demais integrantes. A escola tem buscado desenvolver a criatividade dos alunos de forma também afetiva, escutando o saber dos estudantes e de sua existência, procurando aceitar suas vivências sem os olhos do preconceito e pré-julgamentos.

As oficinas realizadas pela EPA, e em parceria com outras instituições, trabalham com a ideia de que as produções ao serem comercializadas podem oferecer ao aluno perspectivas de ver o seu trabalho respeitado. E o resultado de tais produções incentivam o aluno a seguir em frente e o estimulam positivamente em cotidianos bastante adversos, uma vez que a autoestima, a autoconfiança, tende a se elevar. Esses sentimentos positivos se refletem na participação dos alunos em situações nas quais eles se tornam responsáveis (exemplo são participações em feiras na cidade nas quais os próprios alunos vendem os produtos desenvolvidos), sentindo-se engajados em um processo construtivo autônomo. Dessa forma os alunos também experimentam suas limitações, suas preferências e cuidado com o que é gerado pelos colegas.

A EPA enfrenta desafios que exigem um exercício constante de repensar a prática escolar, investindo em estratégias e ações educativas que estejam em sintonia com a dinâmica da rua, com seus tempos e normas. Durante seus 22 anos de existência a instituição passou por muitos momentos de dificuldades principalmente ocasionadas pela

descontinuidade das políticas públicas. Tais situações encaminharam à atual e preocupante condição da escola – estar funcionando sob liminar da justiça. Este fato – a possibilidade do fechamento da escola – foi um dos motivos para o Cidadania e Arte colocar-se como parceiro da escola mediante o projeto Cerâmica e Alimento. Tal iniciativa teve como objetivo principal visibilizar a importância do trabalho realizado no local, pois ele tem relevância fundamental para a cidade, especialmente neste momento em que a população de rua cresce dia a dia no país e enfrenta uma situação de total descaso pela sociedade em geral.

### **O projeto Cerâmica e Alimento**

O projeto Cerâmica e Alimento tratado no presente artigo funcionou durante o segundo semestre de 2017, sendo desenvolvido em três instâncias:

1- Realização de encontros semanais na sala de cerâmica da escola envolvendo professores e alunos da EPA e artistas convidados externos à escola com níveis de conhecimento diferentes em relação à produção cerâmica.

Em cada encontro semanal dois convidados externos à escola desenvolveram junto aos alunos em situação de rua uma troca de saberes objetivando a realização de um objeto por cada participante: uma cumbuca de cerâmica (Figuras 1 e 2).



*Figura 1 - Oficina Cerâmica e Alimento na Escola EPA. Fotografia: Cerise Gomes.*



*Figura 2 - Oficina Cerâmica e Alimento na Escola EPA. Fotografia: Cerise Gomes.*

O projeto caminhou no sentido de tornar a sala de aula um ambiente de formação compartilhado que pudesse aproximar o conhecimento gerado na escola a outros saberes externos, vinculados ou não à academia, a partir da troca entre artistas convidados e alunos em vulnerabilidade social (Figura3).



*Figura 3 - Oficina Cerâmica e Alimento na Escola EPA. Fotografia: Cerise Gomes.*

2- Recuperação do espaço de um forno de barro existente no pátio da escola. O forno havia sido construído por alunos da EPA em 2016. Com o auxílio de estudantes de graduação em Artes Visuais, o espaço do forno foi restaurado e preparado para que ocorressem no local queimas de peças cerâmicas e para que o mesmo fosse utilizado para cocção de alimentos, caso os alunos da escola assim desejassem (Figuras 4 e 5).



*Figura 4 - Fotografia do forno construído em 2016 por alunos da EPA. Fotografia: Cerise Gomes*



*Figura 5 - Forno no pátio da Escola EPA projeto Cerâmica e Alimento, 2017. Fotografia: Cerise Gomes.*

3- Realização de um evento na EPA tendo como base um almoço coletivo aberto à comunidade no qual foram utilizadas as tigelas produzidas durante os encontros semanais na escola e cumbucas doadas por artistas porto-alegrenses. Em tais vasilhames foram servidos alimentos preparados na cozinha da própria escola (Figura 6).





*Figura 6 – Cozinha da Escola EPA. Alimento sendo preparado no evento por cozinheiros voluntários.  
Fotografia: Cerise Gomes.*

Durante o evento alunos, professores e público externo confraternizaram em um momento único construído a partir do compartilhamento do alimento. Moradores em situação de rua e comunidade em geral almoçaram conjuntamente um saboroso alimento preparado por cozinheiros voluntários (Figuras 7 e 8).



*Figura 7 - Escola EPA no evento Cerâmica e Alimento. Fonte: Cerise Gomes*



*Figura 8 - Escola EPA no evento Cerâmica e Alimento. Fotografia: Cerise Gomes.*

No evento as tigelas puderam ser comercializadas. Foi possível compreender que algo produzido pelas próprias mãos, de forma lúdica, era, além de útil, a expressão de uma arte possível. O empenho dos estudantes em construir sua cerâmica possibilitou-lhes

um reconhecimento de que todos podemos ser artistas e que o campo das artes se equivoca muito quando constrói portas que não permitem ser atravessadas pela pessoa em situação de rua. O contato com a queima, a queima do forno, a queima da lata, a queima no chão, técnicas utilizadas no processo, todo esse conhecimento vivido durante a produção das tigelas, a curiosidade e o espanto com as tantas possibilidades imprevisíveis nas misturas de diferentes cores e texturas das argilas trabalhadas, muito além de uma prática meramente funcional, envolveu saberes teóricos e o fazer poético. Envolveu também aspectos imateriais como memória, afetos e ritmos distintos de experienciar outros modos de estar juntos na escola e, em âmbito ampliado, na cidade.

Nas três etapas do projeto cada participante foi encontrando seu lugar no sentido de aprendizagens conjuntas, mas também com objetivo de assumir responsabilidades distintas que envolveram, além de toda organização prévia, o recebimento das tigelas doadas por ceramistas da cidade, a montagem das mesas, a compra de insumos e a produção e distribuição do alimento no dia do evento.

Considerando que a pesquisa sobretudo tem o cunho poético, estivemos sempre atentos ao olhar, à curiosidade, ao aprendizado, ao prazer, às tantas possibilidades de um fazer artístico, toda a construção poética dos moradores de rua reverberou nesse encontro final, sendo que esse ponto final, também foi um ponto em aberto, pois a pesquisa encerrou apenas uma etapa na vida dos participantes, acontecendo uma celebração de um fazer, no qual se implicaram ativamente comunidades diferenciadas com toda uma gama de particularidades díspares, mas com um pensamento comum do qual nos alimentamos.

**A história está aberta: “o mundo não é, o mundo está sendo”**

Após o breve relato acima podemos retomar a questão inicial deste artigo: o que ocorreu quando aproximamos arte, educação e vulnerabilidade social, levando-se em conta o contexto específico do projeto Cerâmica e Alimento?

Primeiramente, percebemos a necessidade de um convívio ao longo do tempo com a realidade da escola EPA e a de seus alunos. Observamos que uma prática que objetivasse somente a produção de um evento não seria adequada, sendo necessária uma aproximação gradativa ao contexto da EPA, devido à sua complexidade ao reunir pessoas com trajetórias de vida distintas e, muitas vezes, de grande sofrimento. Poucos dos participantes do projeto externos à escola (artistas, alunos de graduação em artes e em gastronomia, público em geral) conheciam ou haviam estado presencialmente na EPA antes da realização do projeto. Ou seja, o conhecimento (ou desconhecimento) do cotidiano das pessoas em situação de rua era muito precário por parte dos participantes do projeto externos à escola.

O sociólogo Jessé Souza, após pesquisas empíricas durante anos acompanhando o que vai denominar de “ralé brasileira” indica que pela sociedade brasileira:

...o miserável e sua miséria são sempre percebidos como contingentes e fortuitos, um mero acaso do destino, sendo a sua situação de absoluta privação facilmente reversível, bastando para isso uma ajuda passageira e tópica do Estado para que ele possa “andar com suas próprias pernas”. Essa é a lógica, por exemplo, de todas as políticas assistenciais entre nós. (SOUZA, 2009)

Em sintonia com a afirmativa de Jessé Souza, percebe-se também que, de modo geral, a sociedade entende as pessoas em situação de rua como um conjunto genérico de indivíduos despossuídos de recursos materiais que vivem na marginalidade em um estado de apatia e de resignação, sendo muitas vezes perigosos ou estando relacionados diretamente a situações de delinquência. Passar a conviver com a realidade da EPA ao

longo dos meses do projeto revelou o quão parcial era esse entendimento ou, melhor, que essa era somente uma das possibilidades existentes no contexto da pessoa em situação de rua. Há também muita solidariedade e criatividade para enfrentar as situações adversas junto a um cotidiano repleto de dificuldades e de conflitos das mais variadas ordens (lutas por espaço seguro nas ruas, por alimentação, por abrigo, situações de gravidez sem nenhum amparo, poucas condições para o cuidado do próprio corpo, questões envolvendo indivíduos expostos, humilhados e que deveriam ter assegurada sua privacidade por terem feito da rua sua casa na maior parte das vezes por essa ser a única opção em um país caracterizado por uma enorme desigualdade social).

Conviver com a população em situação de rua frequentadora da EPA permitiu mesclar muitas realidades, diferentes cheiros de pele, falas, origens e trajetórias fazendo talvez com que algumas ideias pré-concebidas, alguns preconceitos fossem dissolvidos nesse contato com a presença de cada ser humano não como um ser humano genérico, mas como Stephane (a quem este artigo é dedicado e que veio a falecer em 2018). Indagamos se poderíamos reencontrar alguma humanidade ao comermos juntos uma mesma comida, em potes cerâmicos feito por diferentes mãos. Potes feitos com terra (o material mais básico e tão necessitado de cuidado atualmente), com história. Algo feito lentamente para receber o alimento também preparado com cuidado. Mas não qualquer alimento. Um alimento cultivado de modo adequado, sem uso de elementos contaminantes.

Realizar o projeto em uma escola municipal que está funcionando sob liminar, pois não é considerada relevante pelo poder público também foi um gesto simbólico e efetivo importante. A escola além de ser um centro de educação, é um lugar ao qual os moradores podem recorrer, pois tem amigos ali (os professores, funcionários), há as máquinas para lavar as roupas caso queiram, os chuveiros, o pátio para descansar sob as

árvores, o atendimento jurídico, a biblioteca, a quadra de jogos e o lugar para fazer alguma comemoração. De suma importância foi o fato de que os alunos de artes e de gastronomia da universidade saíram um pouco do isolamento da academia e conviveram com a realidade da escola e de seus estudantes. Mas, ainda mais importante foi conhecerem uma escola pública que busca qualidade no atendimento a uma parcela considerada a ralé brasileira, e que muitos dos cidadãos entendem que deveria ser invisibilizada.

O projeto participativo teve uma importância pragmática, mas também simbólica em um âmbito imaterial no sentido de ter sido uma espécie de abraço à escola, aos seus alunos e professores e a esses moradores em situação de rua que constroem a cidade de Porto Alegre e que a vivenciam de modos bem particulares.

Questionarmos hoje o cenário de parcelas marginalizadas da sociedade brasileira cada vez mais relegadas e destinadas à invisibilidade é parte das obrigações da universidade, oferecer retorno de pesquisa nessa área é imprescindível para buscarmos sociedades mais justas e a arte não pode estar dissociada dessas pesquisas. A Escola de Porto Alegre – EPA viabilizou interpelarmos também um determinado fazer artístico na contemporaneidade, o ambiente enfrentado na EPA possibilitou que refletíssemos estando junto ao morador em situação de rua sobre a alimentação, expressão artística, construção de um dizer e de uma poética próprios, a possibilidade real de construção de artefatos para o seu dia a dia, o contato com a argila, com a natureza, com a terra. Nos permitiu também perceber como foi gerada a situação de rua de cada aluno a partir de seu próprio relato, de sua humanidade e não somente a partir de estatísticas que, muitas vezes, disfarçam realidades.

O quadro social no qual encontram-se os moradores de rua exige pesquisas participativas e a arte dispõe de uma gama de conhecimentos e possibilidades que

oferecem circunstâncias concretas de inserção dessa parcela marginalizada em um mundo que vá além do que se consome.

Em um panorama, como o atual, no qual não temos garantia de nada: nem de que a escola vá permanecer funcionando, nem de um futuro para seus alunos, não que os alunos estejam privados de futuro, mas a população de rua no Brasil tem sido tão imobilizada em tais condições adversas que quase se impede que seu futuro seja diferente de um presente marcado pelo sofrimento e pela carência, a universidade conta com ferramentas que podem questionar essa situação. E entendemos que a arte pode possibilitar essa conexão entre um fazer próprio, útil e poético, valorizando-o com um saber que todos temos e no qual podemos exercitar uma percepção subjetiva e, quem sabe, desenvolver uma humanidade outra.

#### **Referências:**

EPA.

*Site da escola.* Disponível em: <http://websmed.portoalegre.rs.gov.br/escolas/epa/>  
Consultada em: 20 de abril de 2018.

Freire, Paulo (2000).

*Pedagogia da autonomia.* São Paulo: Editora Paz e Terra.

Freire, Paulo (1997).

*Ação cultural para a liberdade.* 2a ed. São Paulo: Editora Paz e Terra.

Grupo Contrafile (2016).

*A batalha do vivo, secundaristas de luta e amigos.* Disponível em:  
[https://issuu.com/grupocontrafile/docs/a\\_batalha\\_do\\_vivo](https://issuu.com/grupocontrafile/docs/a_batalha_do_vivo). Consultada em: 20 de abril de 2018.

Titãs (1987).

*Comida.* Álbum: Jesus não Tem Dentes no País dos Banguelas. Warner Music Brasil.

Souza, Jessé (2009).

*Ralé Brasileira. Quem é e como vive.* Belo Horizonte: Editora UFMG.